



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
ANANINDEUA FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

IVANA DE PAULA DE ARAÚJO MACHADO

AUDIOVISUAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: a análise fílmica e a busca de
uma educação decolonial

ANANINDEUA
2023

IVANA DE PAULA DE ARAÚJO MACHADO

AUDIOVISUAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: a análise fílmica e a busca de uma
educação decolonial

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de História, do
Campus Universitário de Ananindeua
como requisito para obtenção do título de
Licenciada em História, pela Universidade
Federal do Pará.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcio Antonio
Raiol dos Santos

ANANINDEUA
2023

IVANA DE PAULA DE ARAÚJO MACHADO

AUDIOVISUAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: a análise fílmica e a busca de uma
educação decolonial

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de História, do
Campus Universitário de Ananindeua
como requisito para obtenção do título de
Licenciada em História, pela Universidade
Federal do Pará.

Data da aprovação: 13/03/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. MARCIO ANTONIO RAIOL DOS SANTOS
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dra. SUENY DIANA OLIVEIRA DE SOUZA
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dra. ELIANE CRISTINA SOARES CHARLET
Universidade Federal do Pará

A minha mãe Rilvana de Araújo Machado e pai Paulo Wilson Rodrigues Machado, por todo o esforço e trabalho que me trouxe até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Paulo Wilson Rodrigues Machado e Rilvana de Araújo Machado por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho. A minha irmã Paula de Araújo Machado e minha sobrinha Paola Machado da Silva, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Ao professor Marcio Antonio Raiol dos Santos, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e paciência. Aos professores, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado. A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado. Por fim, à Universidade Federal do Pará, essencial no meu processo de formação profissional.

RESUMO

Neste artigo temos como objetivo fazer uma análise crítica a respeito do uso do audiovisual para o ensino de História na Educação Básica. Para isso, usamos como metodologia uma revisão de literatura integrativa. Ao longo da pesquisa fora encontrada uma tendência do uso de audiovisual somente como entretenimento sem uma reflexão crítica aprofundada, transformando-os em instrumento de colonização das mentalidades. Nessa perspectiva, apresentamos a metodologia Análise Fílmica como proposta eficaz para o uso de audiovisual no Ensino de História e sua interface com o pensamento decolonial, se mostrou como fomentadora para um Ensino de História norteado por uma educação emancipadora. Dentro disso, propõe-se apresentar e demonstrar que a união entre a Análise Fílmica e o pensamento decolonial, se estrutura como uma excelente alternativa aos docentes que objetivam que o uso de audiovisual no Ensino de História ande em sincronia com uma educação libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Uso de audiovisual; Análise Fílmica; Educação decolonial.

ABSTRACT

In this article we aim to make a critical analysis about the use of audiovisual for the teaching of History in Basic Education. For this, we used an integrative literature review as a methodology. Throughout the research, a tendency was found to use audiovisuals only as entertainment without a deep critical reflection, transforming them into an instrument of colonization of mentalities. In this perspective, we present the Film Analysis methodology as an effective proposal for the use of audiovisual in the Teaching of History and its interface with decolonial thinking, proved to be a promoter for an addition to a Teaching of History that guides an emancipatory education. Within this, it is proposed to present and demonstrate that the union between Film Analysis and decolonial thinking, is structured as an excellent alternative to teachers who aim for the use of audiovisual in History Teaching to walk in sync with a liberating education.

KEYWORDS: Teaching History; Use of audiovisual; Film Analysis; Decolonial education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O VALOR SOCIOPOLÍTICO DO ENSINO DE HISTÓRIA E O AUDIOVISUAL.....	9
3. USO DE AUDIOVISUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	12
4. ANÁLISE FÍLMICA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O USO DE FILMES NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	14
5. POR UMA ANÁLISE FÍLMICA DECOLONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	18
6. “A ÚLTIMA FLORESTA” E O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA PELOS INDÍGENAS.....	20
7. CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento, em 1895, com a projeção da primeira película pelos irmãos Lumière em Paris o cinema vem ganhando cada vez mais espaço na cultura e crescendo primeiramente como forma de entretenimento e posteriormente como elemento crítico desta própria cultura. Nesta perspectiva, o uso de audiovisuais vem se configurando como estratégia formativa importante, sobretudo quando as novas tecnologias propiciam uma nova interface com a sétima arte.

É inegável o valor que o cinema ganhou durante a pandemia de COVID-19, tendo em vista que o isolamento social fez com que a sociedade encontrasse meios de ter lazer dentro de casa. Dentro desse contexto, o áudio visual alcança níveis nunca vistos, experimentando uma alavancada significativa ao se colocar como um dos principais meios de divertimento da sociedade, interferindo diretamente em seus comportamentos. Pois, eles alcançaram outros níveis de produção, podendo também ser realizados por pessoas comuns e disponibilizado nas mais diferentes plataformas de compartilhamento.

Ainda nessa perspectiva, as discussões sobre séries e filmes foram temáticas constantes nos anos pandêmicos, no qual existia uma interferência mútua da sociedade que discutia sobre os atores, as críticas, as propostas para personagens nas mídias, que se tornou uma espécie de “consulta pública” a qual os roteiristas recorriam para definir o destino das películas.

Sendo assim, o objetivo desse artigo é apresentar de forma sistemática e didática a metodologia denominada análise fílmica como recurso importante para a qualificação do ensino de história, realizando interface desta com a perspectiva de uma educação decolonial visando o ensino crítico e emancipatório segundo a perspectiva Freiriana (FREIRE, 1996). Metodologicamente, para tal intento, realizamos uma pesquisa teórica Severino (2014) e Marconi e Lakatos (2003) configurada por meio de uma revisão de literatura integrativa (USP, 2022) constituindo-se como uma revisão rigorosa que busca integrar dados, empíricos e teóricos visando uma análise sistemática do objeto.

Assim, constituímos o artigo em cinco momentos: primeiramente uma revisão teórica sobre o papel sociopolítico do Ensino de História e o audiovisual, em seguida a análise da trajetória que a interface do ensino de História com o audiovisual tem na Educação Brasileira, como terceiro momento a apresentação e descrição da Análise

Fílmica como proposta pedagógica, no quarto temos a discussão sobre a interface da análise fílmica e do conceito de decolonialidade e por fim, uma sugestão do filme “A Última Floresta” para aludir a como o método pode ser usado.

Acreditamos que essa discussão se mostra relevante na perspectiva de ampliar as possibilidades de intervenções qualificadas dos docentes de História no espaço educacional, aproximando tais temáticas do cotidiano da sala de aula e consequentemente melhorando a formação discente.

2 O VALOR SOCIOPOLÍTICO DO ENSINO DE HISTÓRIA E O AUDIVISUAL

A História, segundo a conceituação de Bloch (2001), é a ciência que estuda os homens no tempo. Essa ciência, segundo ele, objetiva entender o presente como resultado do passado para que, assim, os posicionamentos frente ao presente e futuro possam ser fundamentados por meio de uma reflexão crítica.

Seguindo a mesma linha, Bloch (2001), mas ampliando o foco para a Educação na totalidade, acredita que o ensino deve objetivar a autonomia do educando por meio de um pensar crítico, no qual o educador forneça meios que possibilitem o educando tomar para si seu processo de aprendizagem, ou seja, tornando-o ativo e crítico em sua jornada escolar. E auxiliando o educando na construção de uma consciência histórica, para tomar posicionamento ativo frente a estruturas raciais, de gênero e outros que são impostos pela sociedade.

Dessa forma, percebemos que tanto em Bloch (2001) quanto em Freire (1996), a busca pela consciência crítica e reflexiva dos eventos, são o pilar para um Educação Histórica que leve o educando a autonomia de seu processo de aprendizagem, assim como no pensar frente a sociedade e suas imposições, respaldados pelo estudo dos homens no tempo. Dentro dessa perspectiva, frisamos que as mudanças no que tange os eixos de abordagem e os objetivos do ensino de história, mudam mediante a contextos histórico e de lutas políticas que resultam na aplicação ou rejeição de demandas advindas dos movimentos sociais.

Todavia, Nadai (2001) e Bittencourt (2004), apontam que no século XIX, o objetivo do ensino de História se fundamentava na busca pela construção de uma identidade nacional vinculada, de forma paradoxal, a características eurocêntricas. Porém, explicita que desde os anos 50, a formação de uma cidadania crítica e mobilização frente aos acontecimentos do presente são o objetivo do ensino de História nos currículos, salientando a finalidade política que disciplina ganhou durante o tempo.

Ademais, de forma paradoxal, Bittencourt (2004) apresenta que mesmo que os objetivos do Ensino de História sejam libertários, os eixos temáticos ainda são lidos e ensinados por uma ótica eurocêntrica que conta a História do Brasil por meio das lentes europeias ou estadunidenses que percebem o “descobrimento” como marco inicial do processo de “civilização” das populações nativas. A mesma, crítica – que ainda se faz atual- a negligência quanto a valorização de aspectos locais, em detrimento a supervalorização do conhecimento dos colonizadores.

É nesse panorama, que o currículo – nesse caso, o de História- é entendido como campo de disputa, como aponta as abordagens de Arroyo (2011), haja vista que, o que é ensinado sobre o passado reverbera diretamente em como esse cidadão se comportará no presente e as perspectivas que ele terá sobre o futuro.

Na mesma linha de raciocínio, Ralejo, Mello e Amorim (2021), propõe que o Ensino de História se coloca como campo de disputa. Os autores, por meio da análise das versões de 2015 e 2017/2018 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), revelam que no discurso docente, a primeira versão quebrava com uma lógica tradicional eurocêntrica e valorizava aspectos nacionais, por outro lado, a de 2017/2018, retornou aos moldes eurocêntricos, privilegiando aspectos externos e esvaziando a pluralidade cultural da primeira versão.

Ademais, Ralejo, Mello e Amorim (2021) reforçam o período preocupante pelo qual o Ensino de História vem passando, em decorrência da disputa política e ideológica no qual ele se coloca como protagonista frente ao uso que tem, haja vista que, ele vem reforçando o silenciamento ou o apagamento de narrativas de “minorias” culturais, sociais, étnicas e de gênero historicamente excluídas das práticas curriculares de História. (p.4)

Os estudos de Araújo (2013), reforçam as influências Neoliberais nas propostas educacionais do Brasil e da América Latina, ratificando o jogo de disputas políticas no qual a Educação -nesse caso, a disciplina História- tem sido alvo e as ideologias hegemônicas presentes até hoje. Além disso, mostrando que desde a primeira promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961, as bases Neoliberais estavam postas, objetivando uma educação que gerasse lucro ao sistema capitalista.

Em contrapartida, o Ensino de História, que temos como eixo central dessa abordagem e que defendemos, entra em concordância com Bloch (2001) e Freire (1996), com objetivos que resultam na construção de um cidadão crítico, reflexivo e

autônomo. Ademais, em concordância com Moreira e Candau (2007) que propõem um ensino interculturalmente orientado, que dê abertura a diferentes manifestações culturais, reconheça e valorize nossas diferentes raízes étnicas, sem perder de horizonte as diferentes visões que envolvem o contar da História.

É dentro desse panorama, que os estudos de Bento (2008) apontam que o audiovisual, na contemporaneidade, tem forte influência na construção da subjetividade humana, internalizando ideias e até mesmo propósitos. Por esse fator, o autor ressalta a importância da independência de ideias cinematográficas, que não prendam o sujeito em moldes pré-determinados do senso comum e que essa ruptura passe a ser benéfica para a construção do senso crítico, que auxilie na construção da subjetividade do sujeito conforme sua própria história e realidade.

É com esse objetivo que, entendemos o uso de filmes no ensino de História como um recurso didático necessário, visto que vivemos em um momento em que o ensino é mediado pela imagem e pelo som, que possibilita esse dinamismo na visão do aluno, que compreende o horizonte do “outro” de uma forma didática e acessível. Porém, gostaríamos de ressaltar que existem técnicas específicas para a utilização de filme que será debatida mais adiante.

Dessa forma, percebemos que a interface entre Ensino de História e o uso de audiovisual por meio da análise fílmica é um forte promotor de desconstrução de uma visão Eurocêntrica unilateral que deslegitima, apaga e diminui tudo o que compõem nossa identidade múltipla, a origem das nossas raízes étnicas e os conflitos oriundos da colonização, sendo assim, um forte fomentador de debates como, por exemplo, a decolonialidade, apontado por Reis e Andrades (2018) como uma linha de pensamento epistemológica que objetiva emancipação da estrutura eurocêntrica de conhecimento e valoriza aspectos locais em detrimento aos impostos pelo sistema colonial de dominação.

Como isso, fica explícito que o ensino de História foi e ainda é alvo de disputas ideológicas por ser o reflexo futuro da sociedade em pensamentos e comportamentos. Nesse sentido, em busca de uma educação emancipadora, é inegável o valor que uso de filmes no ensino de História tem para romper com moldes estruturalmente eurocêntricos. Em vista disso, analisaremos no tópico a seguir a importância que o cinema teve desde sua origem até a contemporaneidade, bases epistemológicas que legitimam essa interface e as dificuldades apresentadas em sua implementação.

3 USO DE AUDIOVISUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Foi na virada do século XIX para o XX que a humanidade foi impactada pela cinematografia de Louis Lumière, em 1895, com o filme “A chegada do Trem em uma estação”.¹ Desde a sua primeira exibição, os filmes puderam levar os expectadores a observar novas realidades que não eram as suas, o qual impactou substancialmente a sociedade da época, como aponta os estudos de Sevcenko (2006).

Durante o passar do século XXI, o audiovisual se reformulou até chegar ao menor dos aparelhos e o mais presente na vida da sociedade, os *smartphones*, pelos serviços de *streaming* -tecnologia que transmite dados, principalmente de filmes e áudios, sem a necessidade de baixar- *de filmes*. E em um mundo onde os serviços de *streaming* está no cotidiano da sociedade, os estudos de Teixeira (2015) apontam para os impactos que essas novas tecnologias estão tendo nos cidadãos, gerando mudanças de comportamento na forma de consumir filmes e séries.

Neste seguimento, Teixeira (2015) ainda aponta que a reformulação que os suportes de filmes e séries estão tendo no século XXI, estão sendo induzidos massivamente pelos avanços tecnológicos e pela demanda do público consumidor que complexifica a relação entre produtores e clientes, fazendo com que os espectadores discutam os episódios, cancelem os filmes ou séries que não correspondem com seus gostos, dentre outras ações que reforçam mais a relação entre público e produtoras.

Acerca disso, é importante considerar que os filmes são produções culturais imbricadas de significados e ideologias de suas épocas, que sem uma análise, traz a falsa ilusão de que os filmes refletem a sociedade de maneira exata, como aponta os estudos de Vanoye e Golliot (1994), ao evidenciar que diferente do que se pensa, os filmes ocultam aspectos importantes da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, em concordância com os estudos de Teixeira (2015), Abud (2003) e Vanoye e Golliot (1994), entendemos a importância que os filmes estão alcançando no cotidiano da sociedade do século XXI e como eles podem se tornar um

¹ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritos e ritmos do Rio. In.: _____(Org.). História da Vida Privada no Brasil III. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 513-619.

forte recurso didático para as aulas de História, desde que sejam usados com os métodos adequados, por meio de sua análise, realçando o que se pretende ocultar e o que ele fala sobre a sociedade que o produziu.

Nessa perspectiva, Abud (2003) afirma que os filmes criam a possibilidade de se construir o conhecimento histórico por conseguinte de mobilizar diversas operações mentais que entram em sincronia com os objetivos do ensino de História, como: consciência histórica, observar, comparar, criticar, vincular informações, entender conceitos, causalidades e outros.

Em conformidade como Abud (2003), os estudos de Santos, Gordo e Santos (2020) apontam na perspectiva do uso de filmes como um forte catalisador para habilidades como reflexão, crítica e análise que se justapõem aos do Ensino de História, criando uma interface dinâmica que possibilite o ativismo do educando frente ao seu processo de ensino-aprendizagem e frente a percepção da sociedade em que vive.

Importante salientar que não é recente a interface do audiovisual com o Ensino de História, como aponta Souza (2012), ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que, desde 1998, estabelecem diretrizes frente ao uso de filmes no Ensino de História como fontes a serem analisadas pelos alunos e não como ilustração do conteúdo, o que, na prática, pode não ter se sustentado como o esperado, haja vista que, como afirma Neto (2016), ainda são usados com o intuito original do cinema que é o de entreter, sem refletir ou até mesmo contextualizá-los.

Porém, os estudos de Abud (2003) argumentam que a confusão e a dificuldade na implementação do audiovisual no Ensino de História se dá pela falta de entendimento que cada fonte, seja escrita, audiovisual ou outra, necessitam de métodos próprios para sua análise, ou seja, não é que não existam metodologias, o que pode ocorrer é que falta preparo e o conhecimento desses métodos.

Em concordância com Abud (2003), Ranzi (2002), Santos, Gordo e Santos (2020) ratificam que a dificuldade quanto a implementação efetiva do uso de filmes no ensino de História se deve à falta de capacitação docente para o ensino “da” e “pela” imagem, fazendo assim, com que o uso de filmes se estruture de forma deficitária.

Ademais, Neto (2016), acrescenta que para além da falta de capacitação evidenciada por Ranzi (2002), Santos, Gordo e Santos (2020) ainda existem outros fatores que, somados, fazem o uso da sétima arte se tornar dificultosa quanto ao

processo de implementação, são eles: falta de materiais adequados para esse tipo de projeto, falta de tempo para a exibição e planejamento, falta de capacitação docente para o uso desse recurso e outros.

Com isso, entendemos não haver falta de bases teóricas para ratificarem em como é promissor a interface do audiovisual com o ensino de História. Ademais, percebemos que tal união não é recente, porém, mesmo não sendo atual, ainda possui muitas dificuldades quanto a implementação efetiva desta, haja vista a falta de capacitação docente para o uso e até mesmo conhecimento de metodologias que direcionam a implementação dessa rica possibilidade de unir arte e conhecimento.

Mediante a discussão anterior, visando amenizar as dificuldades de implementação por desconhecimento de métodos relacionados ao uso de filmes, discutiremos no tópico a seguir, a *Análise Fílmica*, como metodologia alternativa para superar esses entraves.

4 ANÁLISE FÍLMICA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O USO DE FILMES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dentro da necessidade de uma metodologia que fosse eficaz para o uso de filmes no Ensino, e dentro dele o ensino de História, é que surge a *Análise Fílmica*, como uma proposta pedagógica que fomenta uma educação histórica por meio do audiovisual de forma dinâmica, efetiva e principalmente, sustentada na crítica, no ativismo do aluno e em sua autonomia do processo de ensino-aprendizagem.

O estudo de Vanoye e Goliot-Lété (1994), diz que a análise fílmica é: “É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente a ‘olho nu’, pois se é tomado com a totalidade” (p.5). Ou seja, nos apresenta a esse método como o resultado de um processo que separa, interpreta, relaciona e sistematiza informações que dão sentido a um todo.

Em concordância com Vanoye e Goliot-Lété (1994), Penafria (2009) aponta para a diferença entre *Análise Fílmica* e crítica, descrevendo-a como uma decomposição substancial do filme, no qual será interpretado os significados de cada elemento constitutivo dele, como exemplo: enquadramento, iluminação, som e outros. Por outro lado, a crítica se constitui, segundo a autor, como o julgamento do filme tendo em vista a contribuição que ele vai ter ou não para um devido fim.

Dessa forma, entendemos que a *Análise Fílmica* se constitui inicialmente da interpretação dos elementos que o formam, conforme a tabela abaixo de Santos, Gordo e Santos (2020):

Elementos	Descrição
Imagem fílmica	De valor estético, reproduz o real, afeta os sentimentos e toma uma significação ideológica e moral
Enquadramentos, ângulos, movimentos e planos da câmera	De ordem técnica, agentes ativos do registro e criação da realidade material e fílmica
Iluminações	Elementos indispensáveis à criação de expressividade na imagem fílmica
Figurinos	
Cenários	
Cor	Utilizada, sobretudo em função das implicações psicológicas que causam nos assistentes (cores quentes ou frias, por exemplo)
Elipse	A narrativa: elementos significantes ordenados pelo cineasta em uma obra, que sugerem a interpretação do telespectador
Ligações e transições	Constituição das articulações de uma narrativa
Metáforas e símbolos	“(…) tudo mostrado na tela tem um sentido e, geralmente, um segundo significado que pode não parecer senão depois de nele se reflectir” (p. 117)
Montagem	“(…) organização dos planos de um filme segundo determinadas condições de ordem e de duração” (p. 167).
Fenômenos sonoros	Oferece autenticidade a imagem mostrada (impressão da realidade); possui função dramática (o silêncio), dentre outras.

Tabela 1 – linguagem cinematográfica e alguns de seus elementos **Fonte:** Santos, Gordo e Santos (2020 p.55-56)

Dentro dessa perspectiva de analisar a parte para compreender o todo é que se constitui a *Análise fílmica*, como um quebra cabeça em que cada peça possui um significado que ajuda no entendimento do todo. Desse ponto em diante, fica claro a necessidade do professor tomar o papel de mediador, ao intermediar a relação dos filmes com as temáticas discutidas, incentivando o ativismo de seu educando em uma leitura que articule razão e emoção para que a metodologia se dê de maneira mais efetiva, como aponta os estudos de Napolitano (2003).

Por ser uma construção cultural, Vanoye e Goliot-Lété (1994) reforçam a importância de pensar os filmes em seu contexto histórico, não de forma isolada, haja vista que eles se vinculam a ideologias, escolas e outros, que mostram aspectos que constituem sua origem e refletem a sociedade de forma diatópica, como evidência os autores.

Napolitano (2003) diz que, quando se trata da interface cinema e ensino de História, enfatiza a importância do uso da análise fílmica para não ocorrer o erro

de acreditar que os filmes são reflexos fidedignos da sociedade, muito menos cometer o equívoco do anacronismo, que se dá quando princípios do presente são colocados em um contexto que entra em contraste com a realidade do passado.

À vista disso, após descrevermos e percebermos a importância que a *Análise Fílmica* tem como metodologia eficaz para o uso do cinema no Ensino de História, nos sustentamos em alguns autores como Moreira e Monteiro (2012), Napolitano (2003) e Santos, Gordo e Santos (2020), para ratificar e evidenciar que essa metodologia se dá de maneira processual, na qual existe início/planejamento, meio/execução e fim/resultados.

A construção de uma pedagogia do cinema exige uma postura que tira o professor e o educando de um sistema de ensino tradicional em que o professor fala e o educando ouve. Nesse sentido, essa metodologia se constitui como alternativa a esse sistema, tendo em vista que a interação sobre os elementos que constituem o filme deve ser debatida com o intuito de construir o conhecimento pautado nas diferentes interpretações que os educandos vão ter, mediados pelo professor, sobre os elementos que constituem o filme.

Para que a metodologia se desenvolva de forma efetiva, é importante entender o processo que sustenta a análise fílmica. Dito isso, nos fundamentamos nos estudos de Santos, Gordo e Santos (2020) que sistematizaram essas etapas, conforme a tabela abaixo:

Antes da exibição	
Preparação prévia	Escolher e assistir (a) o material fílmico e propor objetivos a partir da temática.
Aperfeiçoamento do olhar	Analisar conceitos e valores do filme e refletir sobre eles.
Preparação do ambiente	Preparar materiais que serão utilizados e verificar a cultura audiovisual dos alunos.
Durante a exibição	
Exibição	Exibição do filme na íntegra para os alunos.
<i>Análise fílmica</i>	Observação da dinâmica da narrativa a partir dos pontos de vista nos sentidos visual/sonoro, narrativo e ideológico.
Professor mediador	Promover a fruição dessa dinâmica e intervir no andamento do processo, quando necessário.
Depois da exibição	
Reflexão pós-filme	Conversa sobre reação da classe, para além da emoção em relação ao filme.
Discussão pós-análise	Discussão das opiniões dos alunos e debate a partir das reflexões das ideias.
Registro	Registrar impressões dos alunos e seus olhares em relação ao paralelo que fazem entre o filme e a sociedade.
Elementos extras	Entrega ou sugestão de leituras complementares e realização de atividades que valorizem a temática do filme.

Tabela 2: procedimentos metodológicos para Análise Fílmica **Fonte:** Santos, Gordo e Santos (2020 p.61-62)

Santos, Gordo e Santos (2020), ao dialogarem com outros autores, sistematizaram as etapas de constituição da *Análise Fílmica* em processo constitutivo de três fases: Antes, durante e depois, as quais constituem um roteiro que norteiam o docente frente ao método.

Em vista disso, Lima e Correia (2020) realçam a importância do planejamento dentro do processo formativo, haja vista que ele se coloca como horizonte da prática pedagógica, ou seja, ele se coloca como um organizador pelo qual o docente se direciona dentro das várias etapas que, nesse caso, compõem a análise fílmica.

Ainda na perspectiva do processo metodológico da Análise Fílmica, o durante, é fundamental para que o resultado seja efetivo, levando em consideração que é quando os elementos fílmicos serão compreendidos. É nessa etapa em que as ideologias serão percebidas, os contextos de produção, os porquês das mudanças sonoras, do foco dos enquadramentos, de como o ambiente e as relações sociais são encenadas, de acordo com Panafria (2009).

O educando, nessa etapa, se torna sujeito ativo dentro de seu processo de ensino aprendizagem, haja vista que ele se coloca como protagonista dentro da dinâmica, na qual ele vai ter suas próprias percepções, que serão debatidas em etapas seguintes. Nesse ponto, percebemos a Análise Fílmica como um catalisador da autonomia do educando dentro de seu processo de ensino- aprendizagem.

É no “depois” da exibição, que consiste nos debates, o paralelo entre sociedade e a obra cinematográfica, é nessa etapa que a crítica e a reflexão se farão chave para que a Análise Fílmica seja efetiva como recurso didático. Mas, para que isso saia do papel e vá para a prática, Santos, Gordo e Santos (2020) propõem que antes do debate inicial, seja dado materiais que somem na temática discutida no filme, para agregar positivamente no debate e na consolidação do conhecimento sobre o tema.

Bloch (2001) diz que o ofício do historiador é conhecer o passado pela lente do presente e o presente pela lente do passado, nessa perspectiva percebemos que a Análise fílmica permite ambos os movimentos e ainda soma a análise, ao compreender por qual lente olhamos, seja ela uma lente racista, seja ela uma lente Intercultural, seja ela uma lente eurocêntrica.

Com isso, fica evidente a contribuição significativa que a Análise Fílmica agrega para um ensino de História emancipador. Porém, esse método pode ser enriquecido se for pensado na busca de uma educação decolonial, a qual discutiremos no tópico a seguir.

5 POR UMA ANÁLISE FÍLMICA DECOLONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Entender por qual lente observamos a História é fundamental para que os objetivos da interface entre Ensino de História e Análise Fílmica, sejam alcançados de forma eficaz. Pois, dependendo da lente pela qual se for olhar, pode existir uma grande perda do processo todo, ou seja, a escolha do filme é fundamental para a eficiência do método.

Pois, dentre rupturas e continuidades no decorrer da História, a Educação contemporânea ainda é marcada por continuidades de uma tradição educacional que fragmenta o conhecimento, supervaloriza a matéria, o exato e separa o indivíduo de seu coletivo, como aponta Moraes (1997).

Em contrapartida, a esse modelo educacional de ensino, Morin (2005) propõe uma educação que seja contra uma visão compartimentada e reducionista do conhecimento, o autor defende a tese de que o conhecimento real se encontra na comunicação entre o ser humano e o mundo que o cerca, ou seja, um conhecimento humanitário e interdisciplinar.

Nesse sentido, o nosso objetivo em integrar os filmes presentes no cotidiano do educando, é no intuito de construir um conhecimento histórico que não se compartimente única e exclusivamente em uma sala de aula, com uma lousa e um texto, mas que esse conhecimento chegue a espaços não formais, na tentativa de ultrapassar as barreiras do conhecimento enclausurado nos muros da escola. Para assim, iniciar um processo que o possibilite ver o mundo por uma perspectiva conectada e complexa, no sentido de ser completa e integrada, como aponta Morin (2005).

Por essa razão, precisamos entender que a *Análise Fílmica* no Ensino de História, se coloca como uma metodologia eficaz para conseguirmos diminuir essa fragmentação de conhecimentos que torna por esvaziá-lo. Porém, para podermos ter êxito no uso da Análise Fílmica para um Ensino de História crítico, é necessário

pensar nela, na busca de uma Educação Decolonial, pois não conseguiríamos alcançar uma formação cidadã se continuarmos reproduzindo conhecimentos e comportamentos que deslegitimam todo o processo anterior.

Nesse sentido, nos sustentamos no conceito de Decolonialidade. De acordo com Reis e Andrades (2018, p.3):

O pensamento decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação, ao articular interdisciplinarmente cultura, política e economia de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial.

Dentro desse contexto, entendemos a necessidade e urgência de construirmos um conhecimento *Intercultural*, apontado por Walsh (2019) como um princípio que na América Latina tem como base sistematizar e refletir a história, geopolítica, resistência dos povos subalternizados pelo processo de colonização e suas continuidades na contemporaneidade. Além disso, procura construir um “projeto social, cultural, político, ético e epistêmico orientado em direção à descolonialização e à transformação.” (p.9)

Nessa lógica, entendemos a necessidade e importância da interface entre Ensino de História, Análise Fílmica e uma Pedagogia Decolonial, considerando que ao buscar uma educação emancipadora, não pode repetir discursos eurocêntricos que apagam a identidade dos povos. Nesse sentido, precisamos buscar uma educação alternativa que saiba dialogar com o “outro”, que saiba rever a história pela perspectiva dos que foram marginalizados e incorporar essas narrativas, para que não se tenha uma única verdade que conta a história do mundo.

Por isso, destacamos que para conseguirmos avançar em busca de uma educação decolonial, é essencial o ativismo do educador ao pensar por essa perspectiva, pois o peso do cinema estadunidense nos serviços de *streamings* é extremamente acentuado como os *blockbusters* -filmes populares e com alto grau de investimento- que em inúmeras vezes vem reforçar uma ideologia neoliberal de mundo e que são os encontrados com maior facilidade.

Em suma, é importante salientar que nosso objetivo não é demonizar essas produções, porém, problematizá-las quanto conteúdos, produções e ideologias que

reforçam um paradigma que entra em contraste com a educação emancipadora que defendemos nesse referido ensaio. Haja vista que, existem inúmeras produções nacionais que possibilitam uma reflexão mais rica quanto a sentimentos de pertencimento, construção de identidade e que viabilizam uma educação decolonial.

Com isso, é inegável a necessidade de buscarmos uma educação decolonial em nossa prática docente, principalmente no que consiste na escolha das obras que serão usadas e na análise delas. A título de exemplo, analisaremos no tópico a seguir o filme-documentário “A Última Floresta” para discutir um Ensino de História indígena por um viés decolonial.

6 “A ÚLTIMA FLORESTA” E O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA PELOS INDÍGENAS

Em momento anterior, discutimos como se estrutura o processo de análise fílmica. Sendo assim, nesse tópico, buscamos desenvolver de forma prática os processos que a compõem. Para isso, é necessário recordar que o desenvolvimento desse método se estrutura ao longo de três etapas, sendo elas: o antes, o durante e o depois.

Inicialmente, para a primeira fase do desenvolvimento -o antes- do método, escolhemos o filme-documentário brasileiro “A Última Floresta”² para turmas do Ensino Médio, como fonte de análise para o conteúdo referente a História Brasileira, no que consiste a invasão do que hoje conhecemos como Brasil, como estratégia de discussão e efetivação do que fora ensinado no Ensino Fundamental, previsto na BNCC como eixo temático descrito como “A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano”, para o sétimo ano do Ensino Fundamental.

Porém, gostaríamos de ressaltar a necessidade de cautela na utilização do audiovisual, tanto na escolha, na perspectiva de que ele consiga propiciar o diálogo necessário para o conteúdo, quanto os parâmetros da própria obra quanto a faixa etária recomendada. Por esse motivo, a proposta de intervenção feita com o documentário “A Última Floresta” é classificada para a partir dos quatorze anos, o que

² O filme-documentário “A Última Floresta”, foi lançado em 2021, com direção de Luiz Bolognesi e roteiro originado da parceria entre Luiz Bolognesi e Davi Kopenawa Yanomami, produzido e disponível no serviço de streaming, Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81503933>

se adequa a faixa etária do Ensino Médio e consegue desempenhar as supracitadas demandas.

Ademais, gostaríamos de frisar que o documentário supracitado se encontra em um serviço de streaming pago, o que pode dificultar o acesso ao mesmo, uma vez os grandes entraves que dificultam a democratização do audiovisual. Acerca disso, propomos que o docente que não tiverem acesso a esse documentário, pesquisem em plataformas gratuitas como o Youtube por filmes semelhantes, uma vez que neste possui obras autorais de comunidades indígenas que trabalham diversas temáticas que podem ser utilizadas em sala de aula como são os exemplos de Osiba Kangamuke – Vamos Lá, Criançada (2016), Laklãnõ/Xokleng: Os Órfãos do Vale (2018) e Tapajós Ameaçados (2021).

O filme tem como protagonistas o povo indígena Yanonami, que residem em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela, com a narrativa principal se fundamentando na história contada por meio de sua concepção de mundo, desde a criação do mundo até a luta permanente contra os povos invasores da floresta.

Tendo como cenário central a Amazônia, o filme busca levar o espectador para dentro da floresta por meio do jogo de cenas e sons dele permitem a experiência de proximidade com aquele ambiente e com os aspectos culturais, linguístico e dos cotidianos do povo Yanonami.

Além disso, o filme retrata nas palavras do narrador a relação desse povo com a floresta, que a concebe como ser vivo, a qual se faz como sujeito ativo dentro de suas vidas e de sua cosmologia, permitindo a relação entre o mundo real e o mundo dos sonhos. Nessa perspectiva, fazendo uma contraposição a noção capitalista de matéria-prima como tudo o que pode gerar lucro.

No entanto, é necessário perceber que a história dos povos indígenas no Brasil, ao longo de muitos séculos, foi contada pelos europeus. As crônicas de Gandavo (2008), cronista português do século XVI, apontam por meio de uma visão eurocêntrica que os indígenas se constituíam como inferiores por não possuírem as mesmas estruturas sociais que eles, como se coloca a seguir:

A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras – scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente. (GANDAVO, 2008, p.66)

A distopia de Gandavo (2008), colocava as populações nativas dentro de uma dinâmica de população inferior, conforme os modelos eurocêntricos, que legitimava o processo de dominação desses povos. É dentro dessa perspectiva que a Historiografia das populações nativas se construiu, pelo olhar dos invasores que insistiam e contar suas Histórias, os colocando como passivos e inocentes frente a invasão do território, como aponta Monteiro (1995).

Amparados pelo conceito de “decolonialidade”, problematizar os conceitos de civilização/progresso e as consequências que essa visão de mundo eurocêntrica traz para o planeta- dentro de uma perspectiva ambiental- é uma das possibilidades de discussão que o filme permite, para a construção de uma visão alternativa sobre esse contexto histórico e suas continuidades.

Ademais, percebe a “invasão da floresta” por outra ótica, na qual eles são sujeitos ativos dentro do processo, afinal de contas, nas palavras do Xamã, eles são a floresta. Nesse sentido, entrando em discordância com a visão eurocêntrica, que apaga a história milenar que esses povos construíram antes a invasão do que hoje é conhecido como Brasil, legitima estereótipos insustentáveis sobre as populações indígenas, além de marginalizar sua cultura e modo de vida.

Ainda na primeira etapa, propomos a construção de um roteiro (que pode ser entregue de forma impressa aos discentes) sustentados na tabela de elementos da análise fílmica construído por Santos, Gordo e Santos (2020) para que o discente possa ser ativo durante a segunda fase da metodologia no intuito de garantir o direcionamento das ações para o objetivo central da dinâmica que é a compreensão crítica e interpretativa do filme, a qual deve ser explicado antes da exibição do filme pelo docente para a turma.

Como proposta de elementos centrais para construção desse roteiro, destacamos os efeitos sonoros, as cores mais presentes no filme, os conceitos trabalhados com maior predominância, ao fazer perguntas como: vocês percebem esse povo de que forma?; como o conceito de civilização é percebido nesse filme? ; como o progresso é visto no filme?

A segunda fase, consiste na exibição do filme, que fica a critério do docente, frente ao movimento ativo que ele precisará ter antes, durante e depois da exibição do filme. Porém, é importante que durante a exibição do filme, o docente realce

algumas cenas em que os conceitos que serão futuramente discutidos como os de progresso e civilização.

Para a terceira e última fase, sugerimos que o docente distribua a sala em um círculo no qual será discutido conceitos-chaves que podem ser percebidos durante o filme e a interpretação conjunta dos elementos mais significativos dos filmes pelos alunos que auxiliem na discussão da temática, tendo como alvo central uma visão decolonial sobre esse momento histórico.

Dessa forma, o filme permite uma virada epistemológica quanto a esse eixo temático, fazendo com que o discente construa, por meio da problematização dessa visão, mediado por uma lente advinda das populações indígenas, consciência ambiental sobre o mundo em que vive e a sua visão sobre o “outro”.

Para somar a essa perspectiva, Machado (2020) afirma o protagonismo das populações indígenas atuais no que tange ao movimento de Autorrepresentação, o qual a Canevacci (2015) diz ser uma virada epistêmica no qual os sujeitos indígenas lutam pelo direito de se autorrepresentarem, os quais por meio da etnomídia tem resistido ao discurso colonial e fortalecendo a narrativa de seus povos. Acerca da etnomídia, Machado (2020) diz:

Etnomídia é comunicar expressando sua identidade étnica para que exista um real empoderamento na apropriação das novas tecnologias pelos povos e culturas que a usam como ferramenta, fugindo da colonização audiovisual ou midiática dos formatos de mídia padronizados pelo pensamento ocidental, apresenta uma natureza contra hegemônica. O conceito surge numa escola brasileira de Comunicações, para incentivar a pesquisa e debate do impacto do discurso midiático sobre os grupos étnicos, foi registrado no CNPq e confirmado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1997, no âmbito do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação da UFBA.

A etnomídia tem sido fundamental para Kaseker e Ribeiro (2020), apontam ao evidenciar o lema do Acampamento Terra Livre (ATL) de 2020 que se baseia no lema “Ocupando as redes e demarcando telas”, remontando a protagonismo indígena dentro desse contexto de luta pelos direitos indígenas por meio das ferramentas digitais, como no filme a qual utilizamos para essa análise.

Com isso, obras como a supracitada podem ser utilizadas para reconstrução de uma narrativa sobre História Indígena e do Brasil com viés decolonial. Logo,

também percebemos o quanto a cautela na hora de escolher as obras fílmicas se torna essencial para construção ou não de uma educação emancipadora.

Em suma, fica evidente que o uso qualificado do audiovisual é um recurso indispensável para uma formação de melhor qualidade. É nessa perspectiva que Análise Fílmica, atentando para os elementos que devem ser pensados no processo antes, durante e depois da exibição, acrescenta no fazer pedagógico do professor de História e executa de forma eficaz esse papel, que se somada a uma visão decolonial de educação, se mostra assim como método eficiente para os docentes que buscam uma educação com viés emancipador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, nesse ensaio, a discussão do papel sociopolítico da história e sua interface com o audiovisual e como ele tem influência na construção de uma sociedade emancipadora. Além de, percebê-lo dentro de um jogo de disputas de narrativas que objetivam legitimar certas ideologias neoliberais que apagam a história de povos que não se adequa aos moldes eurocêntricos.

Averiguamos, a união entre o audiovisual e o Ensino de História, comprovando sua consistente base epistemológica que considera essa interface como forte fomentador de debates e construção de um conhecimento histórico emancipador. Porém, encontramos também uma fragilidade dentro desse processo, tendo em vista a falta de preparação docente para o trabalho com a cinematografia.

Para diminuir essa fragilidade, argumentamos que a metodologia *Análise Fílmica* se coloca como forte fomentadora de debates por si só, mas que era necessária uma postura ativa do docente no processo. Haja vista que, durante o processo todo é necessário que o docente busque conhecer tanto o método quanto os elementos que compõem a obra cinematográfica.

Além disso, discutirmos o processo metodológico que a compõem, sendo necessário pensá-lo por etapas: o antes, o durante e o depois. Pois objetivamos diminuir a carência frente ao conhecimento desse método. Ademais, acreditamos que com o diálogo com o Ensino de História, essa interface se torna um eficiente caminho para quem busca uma educação mais crítica.

Discorreremos, também, sobre a necessidade dessa metodologia ser enriquecida por uma perspectiva decolonial, que valorize os aspectos locais em detrimento aos externos, pois consideramos que uma educação emancipadora não parte somente da repetição do discurso dos opressores, mas sim a possibilidade ouvir e conhecer a história pela lente dos que foram marginalizados pela História.

Ainda nessa perspectiva, com o propósito de realizar o processo que compõe a *Análise Fílmica*, propomos o filme-documentário brasileiro denominado a “A Última Floresta” para a discussão sobre a temática referente a História do Brasil contada pela perspectiva indígena, como possibilidade que inspire outros docentes a realizar o mesmo movimento metodológico e epistemológico.

Corroboramos com os argumentos teóricos apresentados ao longo do artigo, que apontam a interface entre Uso de Filmes, Ensino de História, Análise Fílmica e pensamento decolonial são de suma importância quando se busca uma educação emancipadora em uma perspectiva Freiriana.

Dessa forma, incentivamos a busca docente por capacitação para o uso de filmes para que o Ensino de História se dê de maneira eficiente, por meio da *Análise Fílmica*, no que consiste uma educação decolonial que impulse o educando a construir sua autonomia no seu processo de ensino aprendizagem e em sua vida.

REFERÊNCIAS:

ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, São Paulo, p. 183-193, 2003.

ARAÚJO, J. ESQUIZOANÁLISE APLICADA À EDUCAÇÃO: introdução ao Estudo Político-Linguístico da Educação Brasileira. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 7, 2013.

ARROYO, M. **Currículo**: território em disputa. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BENTO, Gibran da Rocha. O espectador e os efeitos da experiência cinematográfica. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 235-242, 30 jul. 2008. Disponível em: http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13_2/m318222.pdf. Acesso em: 25 fev. 2022.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro: 2001.

CANEVACCI, Massimo. Autorrepresentação: movimentar epistemologias no contexto da cultura digital e da metrópole comunicacional. **Revista Novos Olhares**, v.

4, n.1, p. 16-20, 2015 Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/102237>. Acesso em: 28 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

KASEKER, M. P.; RIBEIRO, L. F. O audiovisual como arma de defesa indígena em tempos de Covid-19. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 18, n. 40, p. 183–198, 2020. DOI: 10.5212/RIF.v.18. i40.0011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19281>. Acesso em: 3 nov. 2022.

LIMA, Silmara Maria de; CORREIS, Bruna Gomes. **Implicações do planejamento e avaliação educacional com ênfase no currículo**. In: Conedu - Congresso Nacional de Educação, VII, Maceió, 2020.

TUPINAMBÁ MACHADO, Renata. Yandê, etnomídia indígena e educação. Revista Cátedra Digital. Vol.4. Nº 5 Tema: Literatura infantil e juvenil de etnias indígenas brasileiras. S/D Acesso em 27 mai. 2020.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º. e 2º. graus**. Brasília: MEC/ Mari/ Unesco, 1995. p. 221-28.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MOREIRA, José Antônio, MONTEIRO, Angélica. Exploração didática de filmes educativos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: **Cadernos de Pedagogia no Ensino Superior**. Centro de Inovação e Estudo da Pedagogia no Ensino Superior (CINEP), 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NADAI, Elza. **O Ensino de História e a Pedagogia do Cidadão**. In: PINSKY, Jaime (org.). *O saber histórico e a criação do fato*. 9.Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. Contexto, São Paulo, 2003.

NETO, Luiz Araújo Ramos. Cinema e História: o uso de filmes no Ensino de História. **XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB**, v. 17, n. 1, 2016.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes — conceitos e metodologia(s). In: VI CONGRESSO SOPCOM, Lisboa, 2009. **Anais eletrônicos...** Lisboa, SOPCOM, p. 1-12, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em:

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, v. 37, Curitiba: 2021.

RANZI, Serlei M. F. Cinema e Aprendizagem em História. **História & Ensino**, Londrina, V. 8, edição especial, p. 185-194, 2002.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n.202, 2018.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos; GORDO, Margarida do Espírito Santo Cunha; SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos. Análise Fílmica e educação: metodologias e necessidades formativas docente. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v.17, n 47, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritos e ritmos do Rio. In.: (Org.). **História da Vida Privada no Brasil III**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 513-619.

SOUZA, Éder C. O uso de cinema no Ensino de História: propostas recorrentes, dimensões teóricas e perspectiva da Educação Histórica. **Escritas**, v.4, 2012. pp. 70-93.

TEIXEIRA, Felipe da Silva. **O impacto da Netflix na produção e consumo de conteúdo audiovisual**. Monografia (Graduação em Comunicação/Jornalismo) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas Jornalismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

Universidade de São Paulo. USP. **O que é revisão?** Instituto de Psicologia - Biblioteca Dante Moreira Leite -Av. Prof. De Mello Moraes, 1721 Bloco C. disponível em: < <http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf>>. Acesso em: 08/03/2022.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e Decolonialidade do poder no pensamento e posicionamento “Outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)**, v.5, n.1, 2019.

